Ano XXII — Lisboa, Janeiro de 1966 — N.º 249

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ● Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

VINTE E UM ANOS

NA sua marcha inexorável, o tempo lembra-nos que um novo ano se iniciou e que, portanto, Sempre Pronto *completou 21 anos de existência.*

Tratando-se de um empreendimento que não conta mais do que com a boa vontade de um punhado de amigos — os colaboradores e os assinantes — pode afirmar-se convictamente que a continuidade deste jornal é um verdadeiro milagre de união de esforços, de perseverança, de amizade e de dedicação.

Poderá manter-se a existência deste periódico nas condições actuais? eis uma interrogação que exige, dia a dia, uma meditação mais cuidada e obriga a uma resposta cada vez menos segura, dado que as dificuldades, tanto as materiais, como as de outra ordem, teimam em se avolumar, especialmente quando se trata de obras que, como esta, vivem exclusivamente de um conjunto de boas vontades.

Todavia, como no dizer do Poeta «é fraqueza desistir-se da coisa começada», tanto mais quando essa obra é imposta pela defesa de um Ideal, aqui estamos a prometer, com humildade, o prosseguimento do nosso esforço, enquanto nos for possível, a fim de que, no sector que nos está confiado, continuemos vigilantes em prol do Esco-

Continua na página 4

Perspectivas para 1966

O final do ano de 1965 e o início do que está correndo ficaram assinalados por uma intensa actividade diplomática que tinha como objectivo interessar as esferas internacionais em negociações para pôr termo às operações de guerra no Vietname.

Depois de uma luta desumana, cruel, que há longos meses enluta aquele país e provoca a indignação em todo o mundo, chegou-se à conclusão, segundo depreendemos do acontecimento, de que a força das armas não conduz a qualquer resultado satisfatório e só uma solução dá mostras de viabilidade: a paz e a negociação.

Na altura em que escrevemos estas linhas ainda nada de positivo se obteve das diligências encetadas, as quais, no entanto, têm assumido um carácter tão insistente e porque tomaram uma latitude, por assim dizer, à escala mundial, não é ousadia afirmar-se que a mesa de negociações vai, a pouco e pouco, readquirindo o seu prestígio como meio de solução dos diferendos internacionais.

Se este indício se confirmar e, por consequência, for algo mais do que uma manobra política em que a vida entre as nações é, por vezes, fértil, podemos felicitar-nos pelo curso que estarão tomando os negócios internacionais.

Estes possíveis propósitos, embora vagamente esboçados, são referências que apetece sublinhar, e mais ainda quando eles se verificam no dealbar de um ano e surgem, assim, como que a demarcar o caminho dos povos no futuro.

O mundo nunca mais se ressarciu da hecatombe que sobre ele desabou em 1939. A instabilidade dos dias que correm são os reflexos desses tempos dolorosos, tempos esses que a humanidade não quer, de de forma alguma, voltar a experimentar. Existe, por este motivo, em toda a parte um forte horror à guerra, um profundo anseio de paz e de vida em tranquilidade e de trabalho profícuo. E é de esperar que este anseio possa vir a colher os mais frutuosos resultados, porque não é lícito descrer que um desejo tão generalizado não produza as condições necessárias para que, a pouco e pouco, a negociação e a mesa de conferências se tornem a forma lógica e normal de comportamento entre os homens.

Para nós, escoteiros, é consolador meditar nesta predisposição que em todo o lado se está revelando, porque através da experiência colhida na comunidade fraternal que constituímos, sabemos como estão próximos, afinal, os povos uns dos outros.

E' de recear que a guerra no Vietname não veja ainda o seu termo, apesar das diligências levadas a efeito. Todavia, elas permitem-nos afirmar que até as maiores nações acabam por compreender que o emprego do seu potencial bélico não é suficiente, para alcançarem resolução satisfatória dos seus problemas, pelo que se vêem forçadas a optar pelo diálogo, pela mesa de negociações.

Melhores votos não podemos formular, no início deste ano de 1966, que não sejam os de desejar que estas saudáveis perspectivas de paz se mostrem cada vez com mais foros de realidade, afim de que finalmente se dissipem as nuvens que teimam em toldar os horizontes dos povos da Terra.

JOEL RIBEIRO

Quatro cosmonautas escoteiros

Um dos acontecimentos do passado mês de Dezembro que maior repercussão teve, foi sem dúvida o célebre «encontro espacial» entre as cápsulas «Gêmeos-6» e «Gémeos-7», um feito que marca uma etapa na conquista do espaço.

Pois há uma particularidade neste sucesso que, para nós, tem um significado muito especial: é o caso de quatro heróis do espaço — James Lovell, Frank Borman, Walter Schirra e Thomas Straiford — serem antigos escoteiros americanos, como refere um telegrama distribuído pela Agência France-Presse na altura em que se estava realizando esta extraordinária aventura no Cosmos.

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

No passado dia 19 de Dezembro, a Fraternal proporcionou aos seus associados mais uma agradável reunião de convívio, a qual se realizou na sede pelas 22 horas.

Dada a proximidade do Natal, teve aquela reunião o carácter festivo próprio da quadra, tendo-se simulado um «Fogo de Conselho», que decorreu com a maior animação em ambiente de fraternal camaradagem.

Os companheiros Eduardo Ribeiro e Ernesto Clímaco evocaram episódios ocorridos durante actividades escotistas realizadas há muitos anos e todos os presentes entoaram diversas canções e «pantominas» orientadas com muita alegria pelos companheiros Armando Inácio e Ernesto Clímaco.

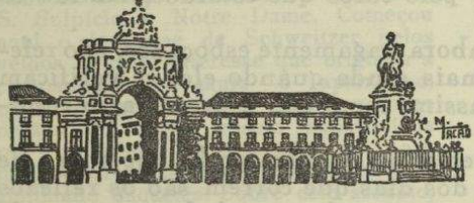
No final foi servido um chá, acompanhado de agradáveis doces de que as senhoras haviam ido prevenidas.

Próximas actividades

A Secção Cultural está a preparar um programa de visitas culturais, a primeira das quais se deverá realizar no próximo mês.

Cartões de identificação

A Direcção da Fraternal solicita a todos os companheiros que remetam à secretaria duas fotografias tipo passe para se poder proceder à emissão dos respectivos cartões.



O Escotismo na Capital

Grupo n.º 5

Segundo nos consta, este grupo está a procurar uma renovação que muito desejaríamos ver concretizada.

Da dedicação ao Escotismo do seu actual chefe, Pedro Lopes, alguma coisa há a esperar.

PUBLICAÇÕES

Migrações e Interpenetração Cultural

Em edição da Associação Cristã da Mocidade, do Porto, foi publicada em opúsculo a conferência que, integrada nas comemorações da Semana do Ultramar, o rev.º Irineu da Silva Cunha proferiu no Salão Nobre daquela Associação, em 14 de Junho do ano findo. Trata-se de um trabalho que estuda com clarividência as influências culturais produzidas pelas migrações, focando não só a assimilação que os emigrantes sofrem pelas sociedades com que entram em contacto, mas igualmente a influência que eles próprios vão exercer no seio das populações. Agradecemos o exemplar recebido.

Exemplos Escoteiros

Nenhum Escoteiro pode perder a tramontana

Como é sabido, antes da descoberta da bússola, era a Estrela Polar o guia seguro dos marinheiros, indicando-lhes o norte. Davam-lhe eles, então, o nome de «Tramontana».

E daí veio a expressão *perder a tramontana*, quando se quer dizer que alguém ficou desorientado.

Por isso, todos os escoteiros não devem esquecer os ensinamentos dos chefes neste importante capítulo de orientação, tanto no campo, no mar...como em todos os actos da vida.



Um apelo aos Iacobrigenses, que merece ser escutado

Novo ano, nova vida! Diziam os do passado e dizem os do presente.

O Escotismo, sem dúvida a fonte onde todos podemos beber sem receio de contaminações de enfermidades que ora abundam pelo afastamento das leis da Natureza, está indicado para nos proporcionar dias melhores.

Mas quem se preocupa com o Escotismo? A juventude dos nossos dias não é pior que a do tempo dos nossos avós. Acontece porém que o imobilismo dos adultos é de molde a contaminar os jovens e estes não conseguem provar o que valem, mais por falta de apoio do que de vontade.

Não necessitamos de sair de Lagos para comprovar que assim é. O signatário lançou a ideia de um Grupo de Escoteiros; surgiram dirigentes e jovens entusiastas, mas como falta uma sede e faltam recursos para alugar casa para o fim em vista, duvidamos que a organização seja tão breve como necessária se torna. Competia aos adultos proporcionar os meios para se conseguir a sede. O signatário obriga-se a uma contribuição mensal para o efeito nunca inferior a Esc. 50$00. Quem nos acompanha?

Joaquim de Sousa Piscarreta

N. da R. — «Sempre Pronto» acolhe com entusiasmo este apelo, que nos parece irá despertar adesões suficientes para resolver o problema que dificulta a reorganização dos Escoteiros de Portugal em Lagos.

Teremos todo o prazer em registar nestas colunas todas as ofertas que sejam feitas para o mesmo fim.

A Flor de Lis — nosso emblema — é muito antiga

Segundo um sábio egiptólogo a flor de lis, tal como se contém na decoração e na heráldica, descende do famoso lótus do Egipto. Um erudito fez notar que a flor de lis se encontra na arte céltica. Assim, obras de arte irlandesas manuscritas ou cruzes esculpidas nos séculos IX e X, apresentam esse emblema.

A flor decorativa que mais se lhe assemelha pode ver-se em trabalhos muito antigos da Ilha de Creta. Nesta ilha, parece que a flor estilizada não é o lótus, mas sim o lírio branco real, ou lírio da Virgem, como se afirma no Jornal «Gazeta do Sul», que se vê com agrado nos jardins rústicos.

O suspensório, acessório que os elementos da Fraternal não podem dispensar

Não quero dizer que sejam todos, porque ainda há alguns que preferem o cinto ao suspensório, e assim, este acessório masculino já se não usa (?) há muito tempo. Sabes tu, prezado escoteiro, que os primeiros suspensórios foram fabricados em 1731? Não se sabe bem como eram fabricados, mas em França, no começo do século XIX, havia muitas fábricas deste artigo.

Dizem que os modelos eram munidos de uma «mola de aço em espiral», formando elástico, dando o conforto e comodidade indispensáveis ao abdome dos gordos da época.

Atenção «rapazes» da Fraternal...

O escritor Leon Tolstoi foi bastante generoso

O Conde Leon Tolstoi, um dos maiores escritores da Rússia, foi dos espíritos de contradição mais notados do império dos czares.

Um sábado, à tarde, encontrava-se cortando madeira na companhia de um pobre serrador chamado Semene. Apareceu um men-

Continua na página 7



A conversa dos rapazes generalizava-se, no intervalo das aulas, quando um dos mais espertos, o Luís, aluno do quarto ano, disse a um colega do terceiro, o Américo, que viera transferido de outro liceu:

— Vem ali o Doutor Valadas, professor de ciências do quinto ano. Ele gosta muito de meter conversa connosco. E quase sempre aproveita as nossas palavras para nos dar uma lição. Mas, às vezes, faz-nos cada discurso...

— Quer dizer, as lições dele são já *uma coisa vulgar de Linneu*... — gracejou Américo.

Palavras não eram ditas, já o Doutor Valadas estava junto deles.

— Boas tardes, senhor doutor! — saudaram, respeitosos, os rapazes.

— Escutei as últimas palavras da vossa conversa. Os meus ouvidos são ainda muito apurados, embora eu já conte sessenta invernos. Sabem, certamente, quem era Linneu...

— Sim, senhor doutor. Foi um célebre botânico sueco.

— A quem se deve a classificação de um sem-número de espécies. Todas as plantas de que vocês virem o nome latino seguido de L., foram classificadas por esse grande sábio. Mas talvez o que vocês não sabem é que houve um *Linneu português*...

— Não, senhor doutor, isso não sabemos — observaram os dois rapazes.

— Pois vão já sabê-lo. Vocês conhecem, ali para os lados de Loures, uma terreola chamada Tojal?

— Perfeitamente — retorquiu Américo — é onde fica a casa do Gaiato.

— Sim, Tojal é uma terra histórica. Ali, existem um curioso aqueduto, um chafariz com um interessante painel, figurando as almas nas chamas do inferno, o palácio da Mitra, onde o patriarca de Lisboa ia passar o verão e onde, nos primeiros tempos da República, fechado o Parlamento pelo Governo, reuniram os deputados da oposição. Numa das duas igrejas, casou a escritora Maria Amália Vaz de Carvalho, nascida no solar de Pinteus, ali próximo, com o poeta Gonçalves Crespo. Pois ali, naquela terrinha saloia, que parece ter tido, em tempos, o nome de Monte Florido, e que passou a chamar-se Tojal, certamente devido a abundar o tojo, nasceu, de uma família humilde, residente na freguesia de Santo António, ou Antão, o célebre botânico Doutor Félix de Avelar, a quem chamavam o *Linneu português*. Que dizem?

— Não sabíamos que havia um português que se pudesse equiparar a esse sábio estrangeiro.

— Certamente que não se importam de que lhes conte, resumidamente, é claro, a vida de Félix de Avelar. Nascido em 1744 e falecido, em Belém, em 1828, foi doutor em medicina pela Universidade de Reims, lente de botânica e agricultura, director do Jardim Botânico da Ajuda e pertenceu a muitas colectividades científicas de Portugal, Alemanha, Suécia, França e Inglaterra. Aos 19 anos, morrendo-lhe o avô, que o protegia e lhe pagava os estudos, o nosso rapaz viu-se diante da luta pela vida. De que se havia ele de lembrar? De conseguir meios de subsistência pelo canto.

— Pelo canto?! — estranhou Luís.

— Nem mais. Conseguiu o lugar de capelão cantor da Patriarcal de Lisboa. Já, então, havia recebido as ordens de diácono. Entretanto, aperfeiçoava-se no estudo do grego, a tal ponto que dava lições. Como fosse, porém, amigo de Francisco Manuel do Nascimento, o célebre poeta Filinto Elísio, e tivesse ideias filosóficas um tanto avançadas para o seu tempo, viu-se obrigado a emigrar. Escolheu Paris, onde juntou ao seu nome o apelido de *Brotero*, palavra grega que significa: o que ama os mortais.

— Brotero! Avelar Brotero! — exclamou Américo — ó senhor doutor, aqui há anos não foi emitida uma série de selos com o seu retrato?

— Justamente, meu rapaz. Já vejo que és filatelista. Pois felicito-te por esse instrutivo passatempo. Mas, como ia dizendo, continuou na luta pela vida, frequentando vários estudos e vivendo de trabalhos originais e de traduções. Foi doutorar-se a Reims para exercer a medicina, mas depressa abandonou a carreira de médico, para se consagrar à botânica. Estava em Paris quando se deu a revolução francesa.

— E que fez ele?

— Deixou Paris, chegou a Lisboa, e, já considerado um sábio, foi nomeado lente da Universidade de Coimbra. A sua obra *A Flora Lusitana* contém a discrição de 1.900 espécies, colhidas por ele. Até há quem diga que o sistema de classificação botânica de Brotero é superior ao de Linneu. Mas, para escrever tal trabalho, quantos sacrifícios, quantas dificuldades não teve Brotero de enfrentar e vencer, como se fosse um escoteiro de outros tempos...

— Escoteiro? Eu também sou escoteiro, senhor doutor! — esclamou Luís.

— Pois felicito-te, meu rapaz. Já fui chefe de um grupo, que, infelizmente, se dissolveu. Pois Brotero percorreu o País, herborizando. Na Serra da Estrela deu três quedas desastrosas, uma das quais origem da enfermidade que sofreu até ao fim da vida. Outra vez, foi atacado por salteadores no Alentejo. Outra vez ainda, esteve para ser assassinado pelos pastores que julgavam que Brotero era um indivíduo do Governo que se ia apoderar dos terrenos baldios. Mas o grande botânico deixou uma obra imortal. Por isso, no jardim botânico da Universidade de Coimbra existe uma estátua e, no largo principal de Loures, concelho a que pertence a freguesia do Tojal, um busto do famoso sábio que, nascido de berço humilde, numa pequena terreola saloia, deslumbrou o mundo com os fulgores do seu talento.

Manuel Ferreira

PALAVRA PUXA PALAVRA

IMPRENSA

«Ecos de Belém»

Com o seu número de 8 de Janeiro passado, entrou no 33.º ano de publicação o semanário *Ecos de Belém*, que se dedica à defesa dos interesses da interessante freguesia de Lisboa.

Na pessoa do seu Director, o nosso amigo sr. Custódio Baptista Vieira, felicitamos todos os que dedicadamente ali trabalham.

O 21.º aniversário do «Sempre Pronto»

Teve a gentileza de nos visitar para nos apresentar cumprimentos e nos felicitar pelo 21.º aniversário, em seu nome e em nome de sua esposa, sr.ª D. Jesuína Aurélio, o nosso estimado amigo e colaborador sr. Luís Simões Aurélio.

Pelo mesmo motivo, fomos visitados pelo nosso dedicado correspondente em Sintra, sr. João Henriques Pereira Soares.

O «Boletim Jaguar», do Grupo 4 do Porto, publicou, no seu último número, larga referência ao nosso 21.º aniversário, em termos de amizade e apreço que muito nos sensibilizaram.

Também o «Boletim Raposa», do Grupo 44 de Vila Nova de Gaia, nos felicitou pelo nosso 21.º aniversário.

Aceitem todos estes nossos amigos as saudações e agradecimentos de quantos no «Sempre Pronto» trabalham.

★

O E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, nosso Delegado em Angra do Heroísmo colabora com «S. P.» desde o primeiro número com assiduidade e dedicação dignas do maior louvor, e que reconhecidamente agradecemos. Também está sempre presente nas datas de aniversário com as suas palavras amigas e de estímulo, Mais uma vez nos diz:

Ao decorrer mais um aniversário do «S. P.», daqui lhes envio um grande abraço de sinceras felicitações, fazendo votos pelos continuados progressos do nosso jornal, para premiar o denodado esforço de quantos nele trabalham, em prol do Movimento que todos amamos e que tão mal compreendido é por tanta gente.

Contem sempre com a modesta colaboração do companheiro

«sempre pronto a servir»

JACINTO DOS REIS MONIZ SILVA

Pois está claro que contamos com tão útil colaboração para que «S. P.» cada vez obtenha maior expansão em todas as ilhas dos Açores.

Dos amigos de "Sempre Pronto"

DE LUTO — Por falecimento de sua mãe e avó, sr.ª D. Maria Vieira, encontram-se de luto os nossos amigos srs. Rev. Vidal Vieira dos Santos, escoteiro-chefe do Núcleo do Porto, e José Mendes dos Santos, escoteiro-chefe do Grupo n.º 15 daquela mesma cidade, a quem endereçamos as nossas sentidas condolências.

IMPRENSA ESCOTEIRA

BOLETIM RAPOSA

O Norte está de parabéns. Depois, do «Boletim Jaguar» do Grupo n.º 4, do Porto, acaba de sair o «Boletim Raposa» do Grupo n.º 44 de Vila Nova de Gaia, cujo primeiro número é referente a Dezembro. Publica noticiário do Grupo e actividades do Núcleo, bem como efemérides, artigos escoteiros, numa manifestação de vitalidade que nos apraz registar. O cabeçalho apresenta-se impresso, sendo a parte literária copiografada.

Desejamos-lhe longa vida e progressos.

BOLETIM JAGUAR

Saiu mais um número deste Boletim, órgão do Grupo n.º 4. A primeira página dedicada ao Ano Novo apresenta-se ilustrada. Insere variada colaboração, incluindo uma biografia abreviada da B. P., bem como noticiário escoteiro.

Esperamos e desejamos novos números.

Escoteiros de Portugal

● Serviços Centrais

A Chefia Geral vai promover um concurso inter-patrulhas ao nível nacional, que é o segundo no género e terá como lema «Patrulhas Piloto 66». A C. G. elaborou já o respectivo regulamento, que distribuiu por diversas pessoas de quem espera receber úteis comentários.

Não podemos deixar de manifestar o nosso regozijo por tão feliz início de 1966 e prometemos ocupar-nos deste assunto, mais em pormenor, no próximo número.

● Curso Preliminar da I. M.

Em Dezembro p. f., o Director da Escola Central de Chefes fez distribuir o relatório final do 2.º Curso preliminar da I. M., realizado durante o passado ano, actividade a que o nosso jornal se referiu com interesse.

Vinte e um anos

Continuação da página 1

tismo, esse movimento ímpar que é afinal o elo que une e inspira este pequeno grupo que todos nós constituímos.

É certo que não conseguimos realizar aquilo que havíamos sonhado. Mas o trabalho desenvolvido, porque nele empregámos todo o nosso coração e toda a nossa capacidade, deixa-nos, mesmo assim, a satisfação de continuarmos a merecer o interesse e o apoio de tantos amigos, muitos dos quais são companheiros de longa jornada, para quem o cansaço não conta, nem o desânimo existe.

A todos quantos temos encontrado a nosso lado, aproveitamos este momento de alegria e de satisfação para agradecer a amizade e a colaboração, ao mesmo tempo que fazemos os votos de um ano muito feliz e abençoado.

Aniversário do Grupo n.º 6

Os Escoteiros de Olhão comemoraram solenemente o seu 41.º aniversário

Teve grande brilho a festa do 41.º aniversário do Grupo N.º 6 dos Escoteiros de Portugal, que a Olhão levou apreciável número de componentes dos restantes grupos da Província, em magnífica demonstração de vitalidade e camaradagem escotista.

Às 8 horas, os escoteiros concentraram-se na sede do 6, para o hastear da bandeira, verificando-se às 10 horas, a recepção aos escoteiros visitantes. Devidamente formados e tendo à frente a bandeira nacional, os Grupos dirigiram-se para a Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, em cujo salão nobre se efectuou a sessão comemorativa. Presidiu o sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão, presidente da Câmara Municipal de Olhão, ladeado pelos vereadores srs. João Martins Zorra e Sebastião Manuel Coelho, este ainda em representação da Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, dr. Manuel de Sousa Guita, subdelegado regional da M.P.; João Lobo de Miranda Trigueiros, delegado na Região Sul dos Escoteiros de Portugal; Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente da direcção do Grupo N.º 6; Manuel Jorge, comandante dos Bombeiros Municipais; Mário José Martins, chefe do Grupo N.º 77, de Faro; Caetano Nascimento Dias, em representação dos sócios auxiliares do Grupo N.º 6; Francisco da Silva Maurício, representando os Antigos Escoteiros do Grupo N.º 77; José Joaquim Pires, em representação dos Antigos Escoteiros do Grupo N.º 6 e José Manuel Pereira, chefe do Núcleo de Sotavento do Algarve.

Na sala, além de muito público, encontrava-se luzida representação dos Bombeiros Municipais, com algumas senhoras do Corpo Auxiliar, uma delegação da Mocidade Portuguesa, e os escoteiros dos Grupos 6, 59, de Tavira; 60 de Vila Real de Santo António e 77, de Faro.

Aberta a sessão, usou da palavra o presidente da Direcção do Grupo 6 que pôs em relevo o significado da data para todos os escoteiros presentes, quer velhos, quer novos, visto que «uma vez escoteiro, sempre escoteiro», e agradeceu a presença dos convidados, congratulando-se pela boa actividade mantida pelos escoteiros olhanenses. O chefe sr. Trigueiros, aludiu aos primórdios do Escotismo e à sua função educativa, teceu judiciosas considerações sobre o culto da Pátria e da sua integridade pelos escoteiros, referindo-se, a finalizar, ao aniversário do Grupo n.º 6 e agradecendo ao sr. presidente da Câmara e convidados a sua presença.

Seguiram-se demonstrações de primeiros socorros, transmissão homográfica, jogos e canções, pelos escoteiros olhanenses, orientadas pelo chefe-ajudante do 6, sr. António de Jesus Brito, a entrega, pelo sr. presidente do Município de Olhão, dos prémios, constituídos por excelentes facas de mato, aos escoteiros José Eduardo de Sousa Maurício, do Grupo n.º 77 e João Alexandre Parreira, do Grupo n.º 60, vencedores dos Concursos de Redacções e de Relatórios organizados pelo Núcleo no ano findo e, ainda, a um escoteiro do Grupo N.º 59, da faca de mato, prémio daqueles Concursos que também coubera ao guia Armando Martinho Nobre, presentemente a prestar serviço militar, realizando-se por último a cerimónia do compromisso de honra de quatro escoteiros do Grupo N.º 6, di-

FILATELIA

Os dois primeiros selos da temática escoteira

Como é sabido, foi no célebre cerco de Mafeking que Baden-Powell teve uma experiência que mais tarde lhe sugeriu a criação do movimento escoteiro. Mafeking era uma localidade de bastante interesse militar. Situada na margem direita do Moloppo, estava a meio caminho entre a colónia do Cabo e a Rodésia, servindo de posto avançado a ambas. Distava cerca de 1.500 km. da cidade do Cabo, junto da linha do caminho de ferro que se dirige ao norte para a Rodésia.

B. P. comandava ali um milhar de homens, tendo a população mais 600 mulheres e crianças brancas e 7.000 indígenas, que viviam num bairro próprio.

Um exército de 12.000 boers pôs cerco à cidade, que bombardeou e atacou inúmeras vezes, tendo a guarnição local resistido valentemente para o que muito contribuiu o engenho e sagacidade de B. P. O heroísmo da guarnição britânica provocou uma onda de entusiasmo em Inglaterra, fazendo de B. P. um herói popular.

A fim de libertar para a luta o maior número de homens, B. P. criou um corpo de rapazes a quem confiou os trabalhos auxiliares e civis, particularmente a distribuição de correspondência e mensagens. Os resultados obtidos por estes repazes e o entusiasmo que puseram no serviço, levaram mais tarde B. P. a sugerir o movimento escoteiro.

Em virtude do isolamento em que a cidade se encontrava, foi necessário imprimir notas de 1 libra e selos de correio, tendo B. P. feito o desenho da nota.

As taxas do correio, por sugestão de B. P., foram estabelecidas em 1 dinheiro para as cartas dentro da cidade, 3 dinheiros para os fortes e 3 xelins para as cartas destinadas a locais fora das linhas. Foram utilizados selos da Bechuanalândia com a sobrecarga de «Mafeking siege». Mas foi resolvido imprimir selos de um dinheiro. Conta Sir Alexandre Godley, que se encontrava em serviço naquela praça, que tendo deixado o seu posto no quartel general foi à cidade para visitar Lorde Edward Cecil e encontrou este reunido com o chefe da estação dos correios. Falou-se na questão dos selos a imprimir e um dos presentes sugeriu que o selo de um dinheiro, portanto o selo local, tivesse um cunho particular ligado à cidade cercada. Discutiu-se o motivo e alguém por graça disse: — «Olha a cabeça de B. P.»

A graça ficou como sugestão e Lorde Cecil e o chefe dos correios resolveram fazer o selo com o busto de B. P., o que seria feito sem este saber, para que constituisse surpresa.

Acontece, porém, que a impressão da efígie nos selos postais era prerrogativa real. O caso não teria importância de maior, já que os selos se destinavam a uma circulação limitada à cidade. Os selos, porém, estão sempre sujeitos a grande expansão e é essa uma das principais razões do seu valor como meio de divulgação cultural e publicidade. Em breve, o selo de B. P. era conhecido na Grã-Bretanha e aí provocava grande celeuma, dizendo-se que a Rainha Vitória se indignara com o facto.

O próprio B. P. comentando o que se dizia, afirmava: «Sua Magestade não mostrou qualquer melindre. Pelo contrário, durante e após o cerco enviou-me as mensagens mais amáveis e lisonjeiras, tendo sido devido à sua intervenção pessoal que tive a minha promoção a major-general. E' interessante ver como nascem e se espalham os boatos menos fundados».

Entretanto, tendo-se compreendido o que poderia haver de merecedor de crítica no selo de B. P., foi resolvido substituir este por outro que tivesse igualmente um significado local e histórico, tendo-se escolhido uma figura representando um jovem mensageiro (um futuro escoteiro) com a bicicleta utilizada nas deslocações.

E, assim, nasceram os dois primeiros selos da temática escoteira, hoje peças raras e muito valiosas.

Em 1962, o preço de catálogo do selo com a efígie de B. P. era de 2.300$00, e usado 1.015$00.

E. R.



«Não é mentira nenhuma que muitas vezes se chega a certo ponto da vida de um Grupo ou de uma Alcateia, em que os seus dirigentes dão impressão ou de que estão fartos das suas actividades, ou melhor, parece que se lhes esgotou o assunto escotista, não sabem que ensinar, não podem variar, falta-lhes ou espírito de iniciativa ou conhecimento do método escotista. E nesta altura, o rapaz, que pode gostar de tudo menos de maçadas, de monotonia, de vida sem vida, começa a abandonar a sede, a desinteressar-se; e o que um faz, fazem os outros, e assim o Grupo vai a caminho... do seu cemitério, é o seu enterro».

rigido pelo chefe José Manuel Pereira, que através da citação dos artigos da Lei do Escoteiro evidenciou o valor do Escotismo na formação moral do jovem.

Os presentes entoaram os hinos escoteiro e nacional, encerrando a sessão o sr. presidente do Município, que agradeceu a bela jornada a que lhe fora dado assistir, fazendo votos pelo progresso escotista.

Os escoteiros desfilaram depois com seus estandartes pelas principais ruas de Olhão.

ALBERTO SCHWEITZER

Seguimento da página 8

Schweitzer, temos de reconhecer que seria pouco ortodoxo na doutrina, mas era extraordinàriamente ortodoxo na prática. Dava-se afinal o contrário daquilo que infelizmente acontece demasiadas vezes. Muitos são intransigentemente dogmáticos, mas pouco rigorosos no cumprimento da doutrina. O erudito prof. Mackay diz que *a ortodoxia, ou seja, as opiniões correctas acerca das coisas divinas e humanas, é altamente desejável, e verdadeiramente necessitamos hoje de doutrina ortodoxa mais do que nunca. Porém, onde quer que a lealdade à doutrina se converta em substituto de lealdade a Deus, as consequências são devastadoras.* Schweitzer estava exactamente possuído desta lealdade e agia por imperativo de consciência. *Pelos frutos os conhecereis* — preveniu-nos Jesus Cristo — e os frutos da vida do grande missionário estão patentes. *Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e todas as outras coisas vos serão dadas por adilamento.* O teólogo, o filósofo, o musicólogo, o organista, abandonou, com escândalo de amigos e parentes, a fama e o triunfo para desaparecer na selva. Mas a glória veio inesperadamente ao seu encontro sem a ter procurado.

(continua)



Paraíso para os que gostam de aves

Todos os anos mais de 150 000 pessoas que gostam de ver aves de todas as latitudes e dos países mais exóticos acorrem a Slimbridge, pequena localidade na margem sul do rio Severn, na Grã-Bretanha, a fim de apreciarem aí a formidável colecção de palmípedes. Em Smithbridge, com efeito, situa-se o Wildfowl Trust, que reúne mais de 1 500 aves de 150 variedades.

O Wildfowl Trust, fundado em 1946 para o estudo das aves selvagens, surgiu duma idéia de Peter Scott, um artista filho do famoso explorador do Antártico. Scott, que é director honorário do Wildfowl Trust, vive numa moradia sobranceira ao parque.

Scott e outros elementos do Trust visitaram muitos países em busca das aves que hoje fazem de Slimbridge uma das muitas salas de visita da Grã-Bretanha que não cessa de atrair curiosos, estudiosos e simples amantes de aves.

Bernacas, gansos de patas cor de rosa, patos de Salvadori, palmípedes Australianos e Africanos das mais diversas variedades, gansos Ne-Ne, patos silvadores pintalgados e tantas outras espécies vivem ali em liberdade. E, para quem visita o Wildtowl Trust em Slimbridge, não são só as aves que apresentam aos seus olhos um panorama exótico. O próprio exotismo dos nomes confere ao todo um tom ambiental que dir-se-ia mesmo ser um relance dos jardins do Eden.

TREINO EXCELENTE

O ESCOTISMO É TREINO EXCELENTE PARA ÚTIL HUMANIDADE. Os Escoteiros aprendem a amar a natureza e a vida ao ar livre, e isto é bom para a saúde física. Eles também aprendem como viver e trabalhar em conjunto, como desenvolver a iniciativa e a confiança própria, e estas são lições de um valor incalculável para a boa cidadania. A nação necessita, como nunca, cidadãos que sejam fortes tanto no corpo como no carácter.

Ralph J. Bunche
Nações Unidas

De Sintra

Grupo n.º 93

Nova Direcção

Está constituída e homologada pelos Serviços Centrais a nova Direcção do Grupo n.º 93, a que preside o grande entusiasta do Escotismo sr. tenente Manoel de Mattos e é constituída por outros também destacados amigos daquela unidade, os srs. Domingos Francisco Veloso de Lima, vice-presidente; Abel Carlos Vieira da Ponte, secretário: José Adriano Marques, vogal; João Henrique Pereira Soares, tesoureiro; Pedro de Almeida Pinheiro, representante dos antigos escoteiros; e Rui Manuel Câmara de Sousa, representante dos pais dos escoteiros.

A nova Direcção, que reuniu pela primeira vez em 25 de Novembro passado, com a presença dos chefes de grupo e de tribo, respectivamente srs. Miguel Raposo Bicho e Mário Luzano Pereira Leite, encontra-se empenhada em estimular a vida do Grupo, tendo sido tomadas resoluções com vista a diligenciar dar a esta unidade escoteira a projecção de que já disfrutou no meio concelhio.

Boa acção do Natal

A exemplo dos anos anteriores e graças à benemerência do seu Presidente, o Grupo n.º 93 realizou a sua Boa Acção do Natal, tendo sido entregues, em 26 residências, géneros alimentícios para a Ceia do Natal e ofertas que totalizaram mais de mil escudos.

Reunião de Natal

No dia 26 de Dezembro, na sede do Grupo, efectuou-se uma reunião dos escoteiros e famílias, à qual não foi dada carácter festivo, em virtude do grave desastre ferroviário que tanto entristeceu toda a população da vila de Sintra.

Por isso, foram apenas projectados alguns filmes de actividades escoteiras, gentilmente cedidos pelo nosso amigo e antigo escoteiro sr. Amílcar Fernandes e pelos Grupos n.ºs 7 e 94. — *C.*

N. da R. — Assinalamos com prazer os esforços que se vêm desenvolvendo pelo ressurgimento do prestigioso grupo n.º 93 de Sintra.

A permanente dedicação dos «eternos» conta desde algum tempo com a valiosa colaboração do chefe I. M. Mário Leite.

A nova Direcção, recentemente empossada, à frente da qual continua a figura prestigiosa do sr. tenente Manoel de Mattos, grande amigo daquele grupo, manifesta o firme desejo de promover a maior expansão do *Noventa e Três.*

Que os seus esforços sejam coroados do maior êxito, são os nossos sinceros desejos.

Dos amigos de "Sempre Pronto"

DOENTES — O nosso dedicado amigo e assinante patrocinador sr. José Dionísio dos Santos, esteve bastante doente por meados de Dezembro, tendo recolhido ao leito para rigoroso tratamento. Temos no entanto a satisfação de registar que se encontra quase restabelecido, pelo que em breve regressará à sua vida profissional.

● O nosso bom amigo e assinante sr. Francisco Gonçalves, antigo secretário do Grupo 40 do C. N. E., que se encontra em convalescença, tem também registado boas melhoras, que desejamos se acentuem.

Posto de Observação

A propósito de "Diálogo"

Do prestigioso e dedicado Dirigente sr. eng.º Nobre Santos, que me escreve na qualidade de sócio da Fraternal dos Antigos Escoteiros, recebi uma amável carta, que agradeço, em que diz:

«Li com interesse a sua local «Diálogo» no *Posto de Observação* do *Sempre Pronto.*

«Como se não faz referência aos assuntos tratados, nem as soluções encontradas para os problemas, nem as resoluções tomadas e, como sou um dos que me tenho preocupado com alguns dos problemas que afectam a nossa A. E. P., gostaria que tais aspectos fossem divulgados, uma vez que não pude estar presente nessa reunião e ainda me não chegaram ao conhecimento, através do «S. P.» ou de qualquer outro meio.

«Agradecia, pois, que por qualquer das formas que mais achar conveniente, divulgasse esses assuntos e resoluções, para que mais ampla possa ser a contribuição de todos. E' nesse ponto que o «S. P.» pode dar uma contribuição valiosa, alimentando esse «diálogo» que tanta falta faz».

Embora a Secção de Campismo da Fraternal possa prestar ao companheiro eng.º Nobre Santos melhores esclarecimentos do que os meus, não deixarei de corresponder ao seu pedido, uma vez que estive presente, informando que a reunião em causa teve como principal interesse comentar a orgânica do acampamento dos «antigos» que estava a decorrer e estudar a actividade futura daquela secção, bem como os moldes em que a mesma se deverá processar. Não foram tomadas quaisquer decisões, pois tal não estava no âmbito da reunião, mas os responsáveis pelo campismo da Fraternal expuseram aos companheiros alguns problemas que se lhes deparam e escutaram as diversas opiniões que interessadamente emitiram os presentes.

Certamente que os dirigentes do Campismo tiraram bons resultados das opiniões escutadas, mas só a eles ou à Direcção da Fraternal compete dar público conhecimento das resoluções que porventura tenham tomado.

Aliás, tem sido preocupação dos dirigentes da Fraternal realizar o maior número possível de actividades, desenvolvendo nesse sentido assinalável esforço. «Sempre Pronto» tem acompanhado com interesse essas actividades, das quais tem feito a merecida publicidade.

Embora esperançado de que fui perfeitamente compreendido na devida altura, não quero deixar de acrescentar que, para mim, mais do que os assuntos postos e as soluções apontadas para os mesmos, interessou principalmente observar o espírito que presidiu à reunião em causa, onde todos os presentes puseram verdadeiro interesse escoteiro.

Contràriamente à opinião do estimado companheiro Nobre Santos, parece-me de pouco interesse para o desenvolvimento do Escotismo o público conhecimento dos assuntos afectos à Secção de Campismo dos antigos escoteiros.

Ser-me-ia bastante mais agradável vê-lo comungar no voto que formulei no final do meu *diálogo,* com o que, estou convencido, muito mais lucraria o Movimento Associativo.

MARIANO GARCIA

Uma original boa acção de Natal

O Grupo de Escoteiros de Ilhavo, do Corpo Nacional de Escutas, promoveu por ocasião das Festas de Natal uma interessante e original Boa Acção. No antigo campo de futebol da localidade, realizaram um Fogo de Conselho, no qual participaram não só os escoteiros, mas, e especialmente convidados, os numerosos ciganos que vivem em Ílhavo, que em grande número se associaram à festa, tendo-se cantado em ambiente de confraternização até altas horas.

Os escoteiros ofereceram aos ciganos as suas consoadas e estes deram largas à sua alegria sempre com o maior respeito e boa ordem.

Eis uma original e autêntica boa acção, pela qual felicitamos os companheiros escutas de Ílhavo.

UMA EFEMÉRIDE

O Diário de Lisboa *publicou no dia 5 de Janeiro corrente, na sua diária rubrica* «Há 30 anos», *a seguinte efeméride:*

«O 2.º Grupo de Escoteiros de Portugal, com sede na Escola Rodrigues de Sampaio, distribuiu hoje ali, a exemplo dos anos anteriores, um jantar a 103 pobres, servido pelos escoteiros e senhoras de suas famílias.

O jantar, constou de canja, peru assado, peixe cozido, fruta e doce.

Foram enviados, também, 22 jantares a pobres que não puderam sair de suas casas».

Esta actividade escoteira, realizada sob a chefia de Luís Grau Tovar de Lemos, teve bastante valor e despertou o maior interesse dos escoteiros daquele grupo, que apresentava naquele tempo em qualquer actividade um efectivo de 50 a 70 rapazes.

Publicações

GIL VICENTE — Obras Completas

O sr. dr. Reis Brasil vai publicar uma edição das obras completas de Gil Vicente, sendo cada peça precedida de um estudo sobre o valor total da mesma. A edição será feita em cerca de 10 volumes e destina-se a comemorar o Centenário do grande dramaturgo.

O autor aceita inscrições de assinatura, que lhe devem ser dirigidas para Santarém.

DOS AÇORES

Primeiro de Dezembro

Em comemoração do aniversário da Restauração da Independência de Portugal, reuniu o efectivo do Grupo n.º 52 junto à sede e perante a formatura, procedeu-se ao içar das bandeiras.

Em seguida, o Escoteiro-Chefe Moniz Silva dirigiu uma patriótica alocução.

Visita anual à Estação Americana nas Lajes

Acompanhados do Chefe Moniz Silva, os Escoteiros deslocaram-se no mesmo dia ao aeroporto das Lajes, onde realizaram o seu passeio anual, como convidados das Forças Americanas estacionadas na B. A. 4, decorrendo essa actividade sob a direcção dos Serviços de Informação dos Estados Unidos e o patrocínio da organização escotista americana.

Começaram os escoteiros por fazer uma visita à estação de Rádio-Televisão Americana, percorrendo todas as dependências e assistindo a demonstrações, que terminaram com a exibição de alguns filmes culturais.

Seguiu-se na agenda o 57.º Esquadrão de Busca e Salvamento, onde os Escoteiros tiveram ocasião de apreciar todo o moderno equipamento, incluindo um dos novos aviões do tipo RC-130.

Observaram ainda o funcionamento dos serviços de rádio-sondas na Serra de St.ª Rita, sobranceira ao aeroporto, assistindo ao lançamento de um balão meteorológico.

Voltaram os visitantes à Estação de RTV, onde assistiram à passagem dum filme processado no entretanto pelos respectivos serviços técnicos, sobre a primeira parte da visita (e que mais tarde foi apresentado no programa noticioso da TV americana).

Por fim, os portugueses visitaram as instalações do exército americano no porto da Praia da Vitória, terminando com um passeio na baía, num moderno rebocador.

*

Incluído nas actividades do dia, houve um almoço no Clube de Sargentos Americanos, durante o qual o novo comandante das Forças Americanas nos Açores, Brigadeiro-General William H. Brandon, se dignou acompanhar os visitantes portugueses.

Na mesa de honra, o Comandante Brandon (que deu a sua direita ao Chefe Moniz Silva) achava-se ainda ladeado pela cap. Wayne Goodson, dos Serviços de Informação, pelo cap. Waller Edwards, coordenador das actividades escotistas, e pelo chefe SPS Warren Beck, em representação da comissão patrocinadora do Escotismo Americano na B. A. 4.

Findo o almoço, o General Brandon saudou os Escoteiros Portugueses, manifestando a sua satisfação por tê-los como convidados, felicitou-os por pertencerem ao Movimento Escotista e ainda por terem um chefe dedicado e cumpridor como o seu dirigente J. R. Moniz Silva, cuja actuação, dentro e fora do escotismo, junto da comunidade americana das Lajes, lhe valeu a concessão do título de «cidadão exemplar» pelos Serviços de Transportes Militares Aéreos Americanos, em 1964, cuja placa honorífica lhe foi entregue durante as comemorações do Dia das Forças Armadas daquele ano.

A finalizar, o chefe Moniz Silva transmitiu aos seus rapazes a fala do General Brandon, e em seguida agradeceu as palavras do ilustre militar, a quem igualmente saudou, em seu nome e no dos seus escoteiros, afirmando ainda que continuaria a empregar todas as diligências no sentido de se continuar a manter o mesmo espírito de fraternidade e bom entendimento, entre portugueses e americanos, dentro e fora do movimento escotista.

Boa acção conjunta do Natal

No dia 18 de Dezembro, realizou-se mais uma vez a tradicional Boa Acção Conjunta do Natal, efectuada pelo Grupo N.º 52 dos Escoteiros de Portugal, e pela organização escotista americana das Lajes.

Esta actividade, que foi iniciada em 1952, pelo Grupo 52, como sua boa acção colectiva do Natal, foi depois patrocinada pelos Escoteiros Americanos, que quiseram colaborar em tão meritório empreendimento.

Na campanha do corrente ano, que foi deveras produtiva, os Escoteiros Portugueses e Americanos conseguiram distribuir ofertas de roupas usadas a 137 famílias necessitadas, em diversas freguesias da Ilha, especialmente nos arredores de Angra. — C.

Exemplos Escoteiros

Seguimento da página 2

digo e Semene deu-lhe três «kopeks». O conde reflexionou que, se um serrador, que apenas tinha meia dúzia de rublos, dava três «kopeks», ele, cuja fortuna se elevava a 60 mil rublos, devia dar alguns mil ao mendigo. Mas Tolstoi nunca trazia dinheiro consigo.

Quando regressou a casa, o escritor recordou-se da história daquele homem rico a quem Cristo mandou que vendesse tudo o que possuía para aspirar ao céu. Não era justo que ele, o apóstolo do pobre, possuísse uma fortuna. No dia seguinte renunciou a ela... e pô-la em nome de sua mulher.

A consciência estava salva... e a fortuna também. Desde então, sempre que um mendigo se abeirava de Tolstoi, a resposta do conde era a mesma:

— Irmão, não possuo nada. Dei tudo o que tinha.

A nós, só nos resta saber se os escoteiros estão de acordo com esta solução.

Eugénio Ribeiro Nunes

Cumprimentos de Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos endereçar o seu cartão de Boas Festas e formular generosos votos para o Novo Ano, os seguintes nossos amigos:

Srs. Alfredo Jorge Gallis, Chefe Armando Jaime Soares, Carlos Mexia de Castro Paiva, Ernesto de Sousa, Hélder Martins, eng.º José Maria Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto; Justino Estêvão da Silva, secretário-geral adjunto da A. E. P.; Luís Alves Miguel, todos de Lisboa. Chefe António Barbosa, António Pacheco da Silva, e José Luís Pinto Machado, do Porto; José Manuel Pereira, de Vila Real de St.º António; H. T. Gomes de Freitas, do Funchal; Carlos Alberto Vieira de Melo e prof. Leopoldino Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo; António Augusto da Silva e Cunha, de Benguela, Angola; prof. António A. Dória, de Braga; José Cândido de Jesus Rana, da Guiné; Maria Carolina Monteiro e Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; José D. Camacho, de Moçâmedes, Angola; António Pestana, do Funchal.

Os srs. Vítor de Lima e Santos e Manuel Lopes Peixoto, comissário internacional e seu adjunto, do Escotismo Português.

A Companhia Rainha Santa Isabel das Guias de Portugal, 1.ª Companhia do Norte; O Clã 25, Bento de Góis, do Corpo Nacional de Escutas, com sede na Terceira; os grupos de Escoteiros de Portugal n.ºs 4, do Porto; 12, de Oeiras; 73, de Sintra; e 94, de Lisboa.

O conjunto musical «Os Clipers», de Linda-a-Velha.

A todos estes nossos amigos apresentamos os nossos agradecimentos, formulando votos para que o Novo Ano lhes traga também muitas felicidades.

Da Beira (Moçambique)

Grupo de Escoteiros do Dondo

Em 24 de Outubro passado foi inaugurada no Dondo a nova sede dos Escoteiros e das Guias, agrupamentos anexos ao Grupo Desportivo da Lusalite. Realizou-se uma interessante festa, durante a qual foi feita a entrega das chaves e serviu de oportunidade para mais um acto de confraternização do pessoal daquela Empresa.

A nova sede fica instalada num edifício de linhas sóbrias, mas interessantes e integra-se no programa social daquela Empresa, de que é digno administrador o sr. eng.º Jorge Pereira Jardim, antigo presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal e dedicado amigo de «Sempre Pronto».

Esperamos em breve poder dar mais notícias acerca deste importante agrupamento, já que o nosso Delegado ali, por motivo das suas inúmeras ocupações, não ter ainda podido enviar-nos a sua correspondência.

O 8.º JAMBORI DO AR

Completando a notícia que publicámos em Novembro passado acerca do 8.º Jambori do Ar, devemos informar que uma parte muito importante do trabalho da organização desta actividade, tudo o que se referiu ao trabalho de secretaria, relações com entidades oficiais, imprensa, etc., se ficou a dever à dedicação do secretário-geral adjunto da A. E. P., sr. Justino Estêvão da Silva, que muito contribuiu para o êxito da iniciativa.

SEMPRE PRONTO

Número 249

Janeiro de 1966

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

A vida maravilhosa de Alberto Schweitzer (IV)

(Continuação)

O êxito e a fama

Terminadas as duas formaturas, Schweitzer aceitou o lugar de coadjutor na paróquia de S. Nicolau, em Estrasburgo, mas sempre que lhe era possível corria a Günsbach a substituir seu pai no púlpito ou a tomar lugar no órgão em que aprendera as primeiras lições de música.

Se, como estudante, a actividade de Schweitzer foi intensa, agora a sua acção mantinha-se ao mesmo nível. Sempre que tinha de viajar, fazia-o de noite, para aproveitar esse tempo para estudar. 'A sua actividade como pastor, juntava a de escritor infatigável, o estudo da música e a participação em concertos. Aos 28 anos, foi convidado para reitor do Instituto de S. Tomé e para assistente da Universidade de Estrasburgo. O futuro sorria de maneira invulgar ao jovem alsaciano. O seu prestígio firmava-se em todos os campos. Era constantemente solicitado para conferências e concertos e o povo corria a escutar os seus sermões. A campanha acerca dos velhos e bons órgãos consumia uma boa parte do seu tempo. Ele próprio confessa: *O trabalho e o cansaço nervoso que me causa a ocupação com a construção de órgãos, mais de uma vez me fizeram desejar que antes nunca me tivesse interessado pelo assunto. Se, não obstante, prossigo nessa batalha, é porque a luta pelo verdadeiro órgão constitui para mim uma parte da luta em prol da verdade.*

A decisão de Schweitzer de se dedicar ao serviço dos desprotegidos não esmorecera com a glória. Pelo contrário, a sua felicidade mais lhe fazia sentir as desventuras alheias. O enigma da estátua de Colmar permanecia no seu espírito. Lembrava-se sempre da figura triste do negro naquele conjunto escultórico. Um dia, no Outono de 1904, deparou-se-lhe, na escrivaninha do Instituto, um relatório mensal da Sociedade Missionária de Paris. A sua atenção foi atraída por um artigo do prof. rev.º Alfredo Boegner, o qual relatava as necessidades da missão do Congo e as tremendas dificuldades e aflições por que passava o homem negro naquelas difíceis paragens. O artigo terminava com um apelo para que aqueles que sentissem a chamada de Deus para trabalhar naquela Missão, se oferecessem, apenas com as palavras: *Senhor ponho-me a caminho!* Schweitzer fechou a revista e continuou a trabalhar. Entretanto, tinha compreendido o significado da figura do negro da estátua. Ao mesmo tempo, tinha encontrado um objectivo para o grande anseio da sua alma: Iria socorrer os negros do Gabão. Mas eles não careciam apenas de amparo moral e espiritual, precisavam urgentemente de socorros médicos. Era isso que se entendia na leitura daquele trabalho.

A grande decisão

Entretanto, completara os 30 anos. Poucos meses após, numa quinta-feira de Outubro de 1905, encontrava-se em Paris e ficou até altas horas da noite escrevendo cartas. Pedia a demissão de reitor do Instituto de S. Tomé, anunciava aos pais a deliberação que tomara de abandonar as suas actividades para estudar medicina e seguir para a África como missionário. Informava também Widor, Romain Rolland e outros dos seus principais amigos de que renunciava à sua carreira para dar satisfação ao grande anseio de servir os desprotegidos. A notícia causou em toda a parte a maior surpresa e grande sensação. Chegaram apelos, conselhos, rogando e insistindo para que suspendesse tão insólita decisão. Widor apelou para a sua dedicação à música e fez-lhe sentir a irreparável perda que representava o seu afastamento. Os protessores da Faculdade de Medicina de Estrasburgo julgaram-no louco e mostraram-lhe que seria estranho ver um notável professor catedrático sentado ao lado de rapazes estudantes. Estes também se sentiram confundidos, acanhados. Schweitzer a tudo ficou indiferente. Estava firmemente resolvido a realizar o seu ideal. Estudou de maneira incrível, ficando noites inteiras a aprofundar a matéria, procurando encontrar explicação para tudo que lhe era ensinado. Os próprios colegas tiveram de intervir dizendo-lhe que era necessário preparar-se para os exames e habilitar-se a responder às perguntas que lhe seriam formuladas. Achou graça ao interesse dos rapazes e, para corresponder à sua simpatia, consentiu em participar num clube de estudantes, que tinha exactamente em vista a preparação para os exames. Entretanto, continuou a desempenhar o cargo de pastor, a trabalhar como organista e a participar nos concertos a fim de angariar os meios para o seu sustento. No final do curso, o prof. cirurgião Madelung disse-lhe: *Quando se meteu nisto, confesso ter julgado que estivesse doido. Ainda não consegui mudar de opinião, mas admiro-o a si mais do que a qualquer outro homem que até hoje tenha conhecido. Pois bem, terminou o seu curso. Boa sorte, doutor Schweitzer.*

A grande colaboradora e companheira

Só uma jovem desde cedo conhecera e sempre apoiara a deliberação de Schweitzer. Era Helena Breslau que, desde estudante, com ele acamaradava e juntos tinham já participado em obras sociais. Essa amizade e compreensão terminaria em profundo amor. Helena decidiu acompanhá-lo como esposa e, para poder ser mais útil, quis também estudar enfermagem. Casaram em 18 de Junho de 1912.

Schweitzer estava agora preparado para realizar com eficiência a tarefa de socorrer os indígenas do Gabão. Sòmente fazia questão de não depender materialmente de qualquer instituição, mas para isso precisava de dinheiro. Enquanto tirava em Paris um curso de um ano de medicina tropical, começou os preparativos para a sua obra. Desenvolveu intensa campanha de divulgação das suas intenções, fez conferências, deu concertos, percorreu diversos países da Europa, até ter conseguido os meios que lhe permitiriam comprar medicamentos, material cirúrgico, equipamento, camas de campanha e tudo quanto lhe pareceu essencial.

Surgem obstáculos

Oportunamente, Schweitzer fizera oferta dos seus serviços à Sociedade de Missões de Paris. Esta sociedade mantinha trabalho no Gabão, mas há muito se reconhecia a necessidade urgente de um médico. Grassavam ali todas as doenças e os próprios brancos eram muitas vezes contagiados. Parecia, portanto, que a generosa oferta do casal Schweitzer seria acolhida com entusiasmo, tanto mais que nada pedia para o seu sustento pessoal e apenas pretendia terreno junto da Missão da Lamberéné para construir o hospital. As suas opiniões teológicas, a que já fizemos referência, e que tinham já sido conhecidas através da publicação de um capítulo da obra em preparação «Em busca do Jesus Histórico», tinham causado suspeitas de pouca ortodoxia. De facto, tratava-se de um estudo teológico discutível mas sincero, onde se notava a preocupação de encontrar a verdade. A Sociedade receava que o médico levasse as suas opiniões teológicas não só aos indígenas mas ao próprio pessoal branco. Não foi fácil vencer esta barreira. Schweitzer argumentava que pretendia apenas servir como médico, socorrer os doentes, e que uma pessoa animada de tais intenções deveria ser aceite, fossem quais fossem as suas opiniões pessoais. Finalmente, a oferta foi aceite, mediante a condição de que a sua tarefa seria apenas a medicina. Era isto exactamente que ele desejava e, portanto, garantiu-lhes que seria um médico e nada mais que um médico e ficaria *mudo como um peixe* em matéria teológica.

Daniel Rops, insigne pensador católico recentemente falecido e colega de Schweitzer na Academia Francesa, pretendia ver no pensamento teológico do pastor alsaciano a «razão secreta», que se juntava *ao sentimento de vergonha e desgosto perante a existência tão protegida,* que o levou à A'frica. Mas, perguntar-se-á, um homem a quem se abriam as portas da fama como professor, filósofo, escritor, musicólogo e organista, se quisesse eximir-se, por questões de consciencia, às suas responsabilidades pastorais, teria necessidade de voltar costas à fortuna, à catedra e às salas de concerto para se afundar na mais inóspita região africana?

O próprio Schweitzer se refere às muitas discussões que foi forçado a enfrentar para convencer pessoas que se consideravam cristãs mas não conseguiam compreender que o esforço de servir a caridade pudesse desviar o homem da trajectória da sua vida, embora ao lerem isso no Novo Testamento o achassem perfeitamente normal. E acrescenta: *Habitualmente, não adiantava expor-lhes as ideias que tinham influído na minha resolução. Julgavam existir motivos ocultos e entreviam desilusões profissionais, embora nada justificasse tais suspeitas, tanto mais que, embora jovem, já era mais bem sucedido do que muitos outros ao fim de uma vida inteira de luta e trabalho. Admitiam também que a minha resolução nascera de desilusões sentimentais.*

Um verdadeiro alívio para mim eram aqueles que não procuravam vasculhar-me o coração, mas olhavam-me como um jovem ligeiramente desvairado e tratavam-me com amável ironia.

Quanto ao pensamento teológico de

SEGUE NA PÁGINA 5